

anc pág 4

POLÍTICA

28 MAR 1987

SARNEY ESTÁ FICANDO SOZINHO?

Depois do PMDB, agora o PFL também ameaça romper com o governo. Tudo vai depender da manutenção da Aliança Democrática por parte do PMDB.

Depois da ameaça feita pelo PMDB, de romper com o governo Sarney, também o PFL já admite que poderá seguir o mesmo caminho, segundo revelou, ontem, em Belo Horizonte, o presidente nacional do partido, deputado Maurício Campos. Ele afirmou que a Aliança Democrática "já está praticamente rompida" e que o presidente Sarney é hoje o único "ponto de união" entre PFL e PMDB. Mas advertiu: "Se romper com o PMDB, não há como o PFL dar apoio ao presidente da República".

O presidente do Senado, Humberto Lucena, do PMDB, assim como outros parlamentares e governadores do partido, discordou do senador Afonso Camargo, para quem a indecisão do governo na área econômica poderá levar o PMDB a ir para a oposição. Para Lucena, essa é "uma visão pessimista e uma opinião isolada que não representa a maioria partidária". Lucena ressaltou que o partido precisa "é influir no governo e não tirar o time de campo".

Entretanto, peemedebistas e pefelistas concordam num ponto: a Aliança Democrática não existe mais. Humberto Lucena acha que o rompimento aconteceu na votação do regimento da Constituinte, mas ressalta que o PMDB isoladamente tem condições de sustentar o governo, com suas maiorias na Câmara, no Senado e na Constituinte. Maurício Campos, por seu lado, afirmou que vem tentando evitar a implosão da Aliança, mas alertou que se for realizada qualquer reunião do diretório, para discutir outros assuntos, sem dúvida as bases do partido manifestarão sua insatisfação, e "certamente virá o rompimento da Aliança".

Maurício Campos frisou, entretanto, que só Sarney poderá "costurar" novamente a Aliança, mas Humberto Lucena descartou essa possibilidade. Para ele, Sarney pode até querer o apoio do PFL, mas "não conseguirá manter a Aliança Democrática". O presidente nacional do PFL disse que presidirá um encontro de líderes pefelistas de todo o País, no próximo dia 6, em Belo Horizonte, que terá como tema central a nova posição que o partido deverá assumir caso seja oficializado o rompimento da Aliança.

Já o deputado peemedebista Hermes Zaneti (RS) está torcendo pelo rompimento. "Venho a esta tribuna pedir ao PFL que saia do governo, em nome do bom senso, da



verdade política e em benefício do presente e do futuro deste país", disse Zaneti em seu discurso de ontem na Constituinte. Em nome da liderança do PFL, o deputado Lúcio Alcântara respondeu que melhor faria o deputado Zaneti se pedisse a saída dos representantes do PMDB que, no governo, são os responsáveis por "esta desastrosa política econômica".

Com Sarney

As declarações do senador Afonso Camargo anunciando um possível rompimento do PMDB com o governo repercutiu negativamente entre os governadores peemedebistas. Alvaro Dias, do Paraná, disse que o senador "deu declarações um pouco pessimistas" e que o partido só poderá fazer oposição ao governo "quando este não estiver correspondendo, mas, por enquanto, todos os compromissos estão sendo respeitados". Para Alvaro Dias, o governo está, até mesmo, merecendo mais apoio ainda depois da decretação da moratória técnica.

O governador Pedro Simon, do Rio Grande do Sul, apesar de reconhecer a existência de alguns peemedebistas "desgostosos" com a política econômica do governo, ressaltou que isso não levará a um rompimento. Simon também criticou o PMDB que, segundo ele, não está dando a devida cobertura a Sarney na questão da moratória. E defendeu a manutenção do ministro Dilson

Funaro no Ministério: "Ele merece nosso respeito", afirmou.

O senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ) preferiu considerar "uma invenção da imprensa" a anunciada disposição de grupos de seu partido de propor a retirada do apoio ao presidente. E lamentou a não participação do PFL na composição da Mesa diretora da Constituinte. Para o ministro da Justiça, Paulo Brossard, a crise entre o PMDB e o PFL é passageira. E não tem "qualquer sentido ou significado" a informação de rompimento do partido com Sarney. "O presidente Sarney é do nosso partido, ou seja, o PMDB é o governo", garantiu o senador Ronan Tito (MG), para quem a previsão do senador Afonso Camargo não se concretizará: antes disso, o presidente tomará "uma série de medidas para corrigir a economia do País", afirmou.

O senador gaúcho José Fogaça, entretanto, acredita que, se essas medidas não vierem logo, o "rompimento será inevitável". Na próxima terça-feira, na reunião da Executiva do PMDB, Fogaça propôs a convocação de uma convenção para discutir a política econômica e a duração do mandato de Sarney. Ele, particularmente, defende a tese dos quatro anos, mas acredita que só o posicionamento oficial do partido poderá direcionar os peemedebistas na elaboração da Constituinte.

Nesta questão, os governadores do partido estão divididos. Alvaro Dias (PR) também apóia a tese dos quatro anos; Tasso Jereissati (CE), Alberto Silva (PI) e Tarcísio Burity (PB) querem mandato de seis anos; e Antônio Carlos Valadares (SE), Waldir Pires (BA), Fernando Collor (AL) e Newton Cardoso (MG) defendem cinco anos.

Novos acordos

O presidente do PMDB e da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, informou ontem que nesta segunda-feira recomeçam os entendimentos com o PFL para a escolha dos presidente e relatores das comissões temáticas. "Agora vai ser diferente", garantiu o líder do PFL na Câmara, José Lourenço, afirmando que desta vez o líder do PMDB na Constituinte, Mário Covas, não poderá derrubar o que está sendo acertado com Ulysses. Lourenço e Ulysses estiveram em Carajás, integrando a comitiva do presidente Sarney na visita do presidente português Mário Soares.